
terra roxa

e outras terras

Revista de Estudos Literários

MARIA QUITÉRIA/SOLDADO MEDEIROS: O SOLDADO QUE (NÃO) ERA

Helder Thiago Cordeiro Maia¹ (USP)

RESUMO: A partir das obras *Vidas Preciosas* (1977[1986]), de Dahas Zarur, *A incrível Maria Quitéria* (1977), de João Francisco de Lima, *O soldado que não era* (1980[2003]), de Joel Rufino dos Santos, *Honra e Glória a Maria Quitéria* (1995), de Osvaldo de Sales Gonçalves, e *Maria Quitéria* (1997[2010]), de Marici Salomão, analisamos a personagem histórica e literária Maria Quitéria de Jesus/Soldado Medeiros (1792-1853), com o objetivo de entendermos principalmente como a masculinidade e o trânsito de gênero vividos pela personagem histórica, durante as guerras de independência da Bahia e do Brasil, no começo do século XIX, são narrados literariamente. A partir das obras selecionadas, podemos constatar que Maria Quitéria/Soldado Medeiros segue tendo a sua masculinidade negada, assim como o trânsito de gênero segue sendo reduzido à ideia de disfarce, o que mostra a grande dificuldade que os textos literários sobre Maria Quitéria/Soldado Medeiros possuem de entender não só a masculinidade como um dispositivo biopolítico que interpela a todos os corpos, inclusive aqueles designados no nascimento como femininos, mas também o trânsito de gênero como uma forma de compreensão de si.

PALAVRAS-CHAVE: Soldado Medeiros; Maria Quitéria; gênero.

MARIA QUITÉRIA/SOLDADO MEDEIROS: THE SOLDIER WHO WAS (NOT)

ABSTRACT: From the books *Vidas Preciosas* (1977[1986]), de Dahas Zarur, *A incrível Maria Quitéria* (1977), de João Francisco de Lima, *O soldado que não era* (1980[2003]), de Joel Rufino dos Santos, *Honra e Glória a Maria Quitéria* (1995), de Osvaldo de Sales Gonçalves, e *Maria Quitéria* (1997[2010]), by Marici Salomão, we analyzed the historical and literary character Maria Quitéria de Jesus / Soldado Medeiros (1792-1853), with the aim of understanding mainly how the masculinity and the transit of gender experienced by the historical character, during the wars of independence of Bahia and Brazil, at the beginning of the 19th century, are narrated literarily. From the selected books, we can see that Maria Quitéria / Soldado Medeiros continues to have his masculinity denied, as well as the transit of gender continues to be reduced to the idea of disguise, which shows the great difficulty that the literary texts about Maria Quitéria / Soldado Medeiros have to understand not only masculinity as a biopolitical device that challenges all bodies, including those designated at birth as female, but also the transit of gender as a form of understanding oneself.

KEYWORDS: Soldado Medeiros; Maria Quitéria; gender.

Recebido em 21 de abril de 2021. Aprovado em 25 de junho de 2021.

¹ helderthiagomaia@gmail.com - <http://lattes.cnpq.br/8283373380937691>

No artigo *Maria Quitéria/Soldado Medeiros: um soldado entre as condecorações nacionais e o esquecimento* (Maia : prelo), analisamos doze textos literários, publicados entre 1824 e 1958, em diferentes gêneros, a narrarem a personagem histórica de Maria Quitéria de Jesus/Soldado Medeiros (1792-1853). Nesta primeira pesquisa, constatamos que as obras do século XIX representam um primeiro esforço na transformação da personagem em uma “heroína” nacional, o que não impediu que a mesma morresse no ostracismo. Estas obras narram a personagem a partir de sua capacidade guerreira e de suas atividades militares, e omitem qualquer questão que possa desestabilizar o mito da heroína nacional. Nesse sentido, por exemplo, não há qualquer discussão sobre a sociedade escravocrata em que estava inserida a personagem. No que se refere ao gênero, Maria Quitéria/Soldado Medeiros é sempre entendida como uma mulher (cisgênera), por conta disso a vida como homem, quando narrada, é reduzida à ideia de disfarce.

As obras do século XX publicadas até 1958 estavam inseridas em dois momentos comemorativos: o centenário da independência brasileira e o centenário de morte de Maria Quitéria/Soldado Medeiros. Nas obras do primeiro momento, encontramos ainda uma narrativa bastante militarizada sobre a personagem, no entanto, o trânsito de gênero e a vida como homem e soldado aparecem em todas as obras, ainda que sendo entendidos exclusivamente como disfarce. Nas obras do centenário de morte, há um amplo investimento na heroicidade da personagem, com a construção de estátuas e medalhas, financiamento de publicações e promoção de eventos e solenidades, financiadas tanto pelo governo getulista, quanto pelo exército. Apesar de seguir uma perspectiva militarizada, e de entender o trânsito de gênero como disfarce, negando, portanto, a masculinidade da personagem, a obra de Nancy Carvalho (1958) parece apontar para uma reescritura narrativa sobre Maria Quitéria/Soldado Medeiros a partir de uma perspectiva feminista.

Neste artigo, a partir da análise de cinco obras, publicadas na segunda metade do século XX, analisaremos não só se as novas narrativas conseguem fabular a personagem para além de uma perspectiva militarista, mas também se a perspectiva feminista é uma tendência narrativa ou apenas um ponto fora da curva. Além disso, nos interessa analisar como essas novas obras narram a masculinidade e o trânsito de gênero vividos pela personagem, e como narram a escravidão de pessoas negras. Assim, analisaremos o relato biográfico “Maria Quitéria”, presente na obra *Vidas Preciosas* (1986 [1977]), de Dahas Zarur, o romance *A incrível Maria Quitéria* (1977), de João Francisco de Lima, a novela *O soldado que não era* (2003 [1980]), de Joel Rufino dos Santos, a biografia *Honra e Glória a Maria Quitéria* (1995), de Osvaldo de Sales Gonçalves, e o texto dramático *Maria Quitéria* (2010 [1997]), de Marici Salomão.

Antes de começarmos a análise das obras, é preciso dizer que Maria Quitéria de Jesus/Soldado Medeiros nasceu em 1792, no interior da Bahia, na vila de São José das Itaporocas, antigo distrito de Cachoeira, primogênita de Gonçalo Alves de Almeida e Quitéria Maria de Jesus, onde viveu aproximadamente até os doze anos. Após a morte da mãe e da primeira madrastra, e com o terceiro casamento do pai, a família se muda para a Serra da Agulha, onde viveu com outros oito irmãos. Em setembro de

1822, aos trinta anos, sob o nome de Soldado Medeiros, assentou praça como soldado, em Cachoeira, no regimento de artilharia, sendo logo depois transferido para a infantaria, no Batalhão Voluntários do Príncipe, mais conhecido como Batalhão dos Periquitos, onde lutou pela independência da Bahia e do Brasil (Reis Junior 1953: 17-45).

As guerras de independência da Bahia, que visavam expulsar a autoridade portuguesa do estado, onde era mantida uma grande frota militar, aconteceram entre fevereiro de 1822 e julho de 1823, no entanto, Maria Quitéria/Soldado Medeiros lutou entre setembro de 1822 e julho de 1823. Nesse curto período, não só foi reconhecido e ascendeu militarmente pela sua bravura, especialmente pela sua atuação nas batalhas da Pituba, de Itapuã e da foz do Rio Paraguaçu, como também teve “descoberto” o seu trânsito de gênero e se casou. Apesar da falta de informações sobre o seu primeiro companheiro, que provavelmente morreu em combate, uma portaria de 31 de março de 1823 sugere que estava casada e/ou amigada com o furriel João José Luís (Reis Junior 1953: 48).

Ainda que não saibamos exatamente quando o trânsito de gênero é conhecido pelos seus companheiros e superiores, sabemos que uma portaria de 28 de março de 1823, do Conselho Interino do Governo, destina “ao cadete Maria Quitéria, dois saíotes de camelão ou de outro pano semelhante” (Reis Junior 1953: 47) para que feminizasse o seu uniforme com a incorporação de um saíote escocês, o que significa não só que viveu como homem e soldado por pelo menos seis meses, mas que também lhe foi autorizado a seguir como Soldado Medeiros, ainda que fosse entendido como uma mulher. Sendo feminizado o uniforme, a sua manutenção não indica necessariamente um trânsito de gênero, mas talvez uma transgressão, uma vez que é entendido como um fardamento feminino.

Após o fim da guerra, recomendada pelo comandante do Batalhão dos Periquitos, embarca em 29 de julho de 1823 para o Rio de Janeiro, onde é recebida como soldado, no dia 20 de agosto, pelo imperador D. Pedro I. Maria Quitéria é condecorada com a insígnia de Cavaleiro da Ordem Imperial do Cruzeiro, honraria dada aos heróis do país recém independente, e recebe uma pensão de alferes em retribuição de seus feitos (Reis Junior 1953: 57). Entre 1823 e 1843, mora provavelmente em Feira de Santana, onde luta judicialmente pela herança do pai, e, entre 1843 e 1853, em Salvador, viúva e com a filha (Reis Junior 1953: 63-68). Maria Quitéria/Soldado Medeiros morre, de inflamação no fígado, em Salvador, em 21 de agosto de 1853, viúva, anonimamente, praticamente cega e com grandes dificuldades financeiras (Reis Junior 1953: 70).

MARIA QUITÉRIA/SOLDADO MEDEIROS, FRAGILIDADE E HEROÍSMO

A obra *Vidas Preciosas* (1977) é composta por trinta e dois relatos biográficos sobre “grandes vultos da História Brasileira” (ZARUR 1986: s/p), sendo vinte e nove homens e três mulheres. Juntamente com Maria Quitéria/Soldado Medeiros, entendida unicamente como mulher, aparecem também Ana Nery e Princesa Isabel. Os relatos

biográficos são acompanhados sempre de uma gravura e da assinatura do biografado. A gravura de Maria Quitéria/Soldado Medeiros, apesar da falta de indicação, é um recorte ampliado da obra *Retrato de Maria Quitéria de Jesus Medeiros*, de 1920, de Domenico Failutti.

O texto logo abaixo da gravura, no entanto, informa que não “há nenhum autógrafo de Maria Quitéria” (Zarur 1986: 249), faltando, portanto, a imagem de sua assinatura. Apesar disso, o autor indica como uma de suas referências bibliográficas o texto de Pereira Reis Junior (1953), que entre outros documentos importantes reproduz não só uma, mas quatro assinaturas de Maria Quitéria/Soldado Medeiros em diferentes documentos (Reis Junior 1953: 93), o que parece indicar, no mínimo, uma leitura apressada da obra. Além de Reis Junior (1953), aparecem referências às obras de Maria Graham (1824[1990]) e Bernardino de Souza (1936) (Zarur 1986: 253).

O relato de Zarur está muito preso aos textos do século XIX e da primeira metade do XX, por isso reduz a vida de Maria Quitéria/Soldado Medeiros à narrativa militar, o que significa que tudo está narrado em função da guerra. Da mesma forma, não há também uma perspectiva feminista sobre a personagem. No entanto, como veremos, antes de sugerir que o texto de Carvalho (1958) é uma perspectiva não frutífera literariamente, o texto de Zarur indica uma continuidade da perspectiva militarista na segunda metade do século XX.

Nesse sentido, Maria Quitéria/Soldado Medeiros luta com bravura, apesar da “fragilidade natural” do seu sexo (Zarur 1986: 254). Ademais, assim como os textos que o precedem, em Zarur a personagem é entendida exclusivamente como uma mulher (cigênera), como já dissemos, e a sua masculinidade, assim como a experiência do trânsito de gênero, é reduzida à ideia de disfarce em nome do amor pela pátria. Há, portanto, uma negação da masculinidade da personagem. Em relação aos textos anteriores, a principal “inovação” narrativa diz respeito à descrição do pai como um “ardoroso nacionalista” (Zarur 1986: 251), sendo que a figura paterna é anteriormente sempre descrita ou como um (aliado) português ou como uma figura neutra em relação à guerra.

Por fim, cabe destacar que no que se refere à escravidão de pessoas negras há uma única referência ao assunto, quando o texto informa que Maria Quitéria/Soldado Medeiros recebeu do pai, como dote de seu casamento, “um escravo e dois animais” (Zarur 1986: 253). Assim sendo, o texto não só não problematiza a ordem escravocrata em que a personagem estava inserida, como também descreve a personagem como parte da sociedade escravocrata brasileira, o que parece não fissurar sua heroicidade.

Publicado em 1977, o romance biográfico *A incrível Maria Quitéria*, de João Francisco de Lima, não é a primeira obra do autor sobre personagens que ele considera como mulheres brasileiras paradigmáticas. Nesse sentido, Maria Quitéria/Soldado Medeiros, ao lado de Bárbara Eliodora na *Inconfidência Mineira* e Anita Garibaldi na *Guerra dos Farrapos*, não só é entendida como “exemplo de abnegação, de heroísmo

e destemor” (Lima 1977: 235), mas também como exemplo de mulheridade brasileira que “violentando o destino pacífico do seu sexo” vai à guerra (Lima 1977: 232).

Maria Quitéria/Soldado Medeiros, portanto, é sempre entendida como uma mulher (cisgênera), sendo a mulheridade o “verdadeiro sexo” da personagem (Lima 1977: 127). Nesse sentido, o trânsito de gênero vivido por Maria Quitéria/Soldado Medeiros, assim como sua masculinidade, é narrativamente reduzido à ideia de um disfarce, que é tolerado e mais tarde perdoado, antes de mais nada, por estar à serviço da defesa da pátria. Por conta disso, o autor estabelece uma diferença entre Maria Quitéria e Soldado Medeiros, onde o soldado é apenas uma performance no instante da guerra, incapaz inclusive de provocar qualquer tipo de masculinidade na “risonha e romântica” Maria Quitéria (Lima 1977: 141).

Apesar de exemplo de mulheridade, o romance não está construído a partir de uma perspectiva feminista, mas, ao contrário, a partir de uma ideia de excepcionalidade. Nesse sentido, Maria Quitéria/Soldado Medeiros é um “vulto feminino” da história brasileira que vence a debilidade do seu sexo (Lima 1977: 10), um “sexo fraco e indefeso” (Lima 1977: 80). A excepcionalidade, portanto, constrói antes um exemplo para os homens brasileiros do que para as mulheres brasileiras.

A despeito da guerra, e da excepcional capacidade guerreira da personagem, o romance a todo tempo faz questão de destacar uma mulheridade tradicional. A guerra e a vida militar não provocam qualquer “nota de masculinidade” (Lima 1977: 178), assim como não a leva a adquirir “hábitos que não fossem os seus, puramente femininos” (Lima 1977: 178). Nesse mesmo sentido, D. Pedro I ao encontrá-la pela primeira vez pensa: “Não era possível que uma rapariga tão débil, tão feminina, não obstante fardada, tivesse praticado os feitos assombrosos de que davam notícia os registros militares” (Lima 1977: 183).

Além disso, a obra também narra Maria Quitéria/Soldado Medeiros a partir de uma perspectiva militarista, onde a infância serve para explicar as habilidades guerreiras, e o futuro é pouco narrável porque não está mediado pela guerra. Nesse sentido, se a guerra é incapaz de produzir qualquer tipo de masculinidade (Lima 1977: 48), o fim da guerra vai imediatamente significar um retorno a uma feminilidade ainda mais tradicional, que se encarna no casamento heterossexual (Lima 1977: 143). É assim que, na volta “à vida comum de todos os dias, à vida singela do lar” (Lima 1977: 189), Quitéria se ocupa da casa e do filho, enquanto o marido se ocupa de produzir dinheiro através da lavoura (Lima 1977: 205).

Em relação ao texto anterior, a principal inovação diz respeito ao fato de Gonçalo, o pai da personagem, ser narrado como um português. No entanto, ainda que nativo de Trás-os-Montes, Gonçalo seria um bom português e não um aventureiro (Lima 1977: 85). Dessa forma, o patriotismo de Maria Quitéria/Soldado Medeiros não se choca com as origens paternas. Ademais, o romance também constrói uma narrativa bastante generosa dessa figura paterna, onde os sucessivos casamentos, por exemplo, são antes entendidos como sacrifícios pelos filhos do que novas relações amorosas (Lima 1977: 27).

Por fim, é importante dizer que o livro tem breves trechos onde é possível inferir que a sociedade brasileira daquele momento era escravocrata. No entanto, não só naturaliza a escravidão, aliás as pessoas negras são reduzidas a objetos sem nacionalidade (Lima 1977: 132), como também narra a família de Maria Quitéria/Soldado Medeiros como uma família escravocrata, onde o sucesso financeiro está atrelado ao aumento do número de pessoas escravizadas trabalhando na fazenda (Lima 1977: 12, 47), sem que isso seja entendido como algo que fissure a heroicidade da personagem.

Honra e glória a Maria Quitéria (1995), de Osvaldo de Sales Gonçalves, é um livro composto por vários textos biográficos, cujas principais fontes são Maria Graham (1824[1990]), Bernardino de Souza (1936) e Reis Junior (1953). De forma geral, podemos dizer que os textos seguem uma perspectiva narrativa militarista, onde o passado explica a participação na guerra e o futuro pós-guerra é reduzido ao retorno à mulheridade tradicional. A participação na guerra é explicada a partir do nacionalismo, sendo Maria Quitéria/Soldado Medeiros “uma mulher (...) valorosa e varonil, que escutou, encantada, a voz da Pátria” (Gonçalves 1995: 33). Nesse sentido, o chamamento pela Pátria é tão forte que “até mulheres” desejam guerrear (Gonçalves 1995: 33).

Apesar de comparada a outras mulheres que desafiaram as normatividades de gênero e lutaram por seus países, como Joana D’Arc (Gonçalves 1995: 33) e Renata Boderreau (Gonçalves 1995: 41), não há uma perspectiva narrativa feminista, uma vez que os desafios às normatividades de gênero são excepcionalidades toleradas em nome da Nação, e uma vez terminada a guerra Maria Quitéria/Soldado Medeiros volta a se ocupar exclusivamente das lides domésticas e da maternidade (Gonçalves 1995: 52). Nesse sentido, a personagem é entendida exclusivamente como uma mulher (cisgênera) e o trânsito de gênero, assim como a sua masculinidade, é reduzido à ideia de “simulação” (Gonçalves 1995: 48), um “artifício de masculinização” (Gonçalves 1995: 35). Dessa forma, os “nobres interesses” em defesa da pátria são responsáveis por “operar o milagre de transfazer a fragilidade física em fortaleza máxima” (Gonçalves 1995: 54).

Por fim, podemos dizer que a obra é uma reescritura dos textos de Bernardino (1936) e Reis Junior (1953). Por conta disso, Gonçalves (1995) não produz alterações narrativas que sejam significativas. Ademais, podemos dizer também que a partir do texto não é possível inferir que se trata de uma sociedade escravocrata. Consequentemente, não só é como se não houvesse escravidão no Brasil naquele período, mas também é como se não houvesse qualquer envolvimento da personagem, e de sua família, com o regime escravocrata brasileiro, ainda que muitos textos apontem para a presença de pessoas escravizadas na fazenda de Gonçalo, pai da personagem.

SOLDADO MEDEIROS, O SOLDADO QUE NÃO ERA

Publicado em 1980, *O soldado que não era*, de Joel Rufino dos Santos, é uma novela “juvenil” (Santos 2003: 64) que busca resgatar a memória de Maria Quitéria/Soldado Medeiros a partir de uma perspectiva que não considera a mulher como sexo frágil, o que parece dialogar com a perspectiva feminista inaugurada por Carvalho (1958). Além disso, apesar de não ultrapassar uma visão narrativa militarista, Santos também consegue imaginar um futuro para a personagem.

Ao contrário dos outros livros que começam sempre com o passado da personagem, com a finalidade de explicar a sua presença na guerra, Santos apresenta Maria Quitéria/Soldado Medeiros como uma “velhinha”, moradora de Salvador, querida por seus vizinhos, que todo domingo coloca uma farda e vai ao monumento da independência, mas nunca fala de seu passado (Santos 2003: 7-8). Apesar de querida, nossa personagem é zombada e chamada de maluca, pelas crianças de sua rua, por usar farda, o que parece sugerir não só que a transgressão de gênero é socialmente rechaçada, mas que também só pode ser tolerada diante da excepcionalidade da guerra.

Entendida exclusivamente como uma mulher (cisgênera) e a vida como homem reduzida à ideia de disfarce, o livro destaca também a participação de outras mulheres nas lutas de independência. No entanto, enquanto as outras “centenas de mulheres” trabalhavam na cozinha, no almoxarife e na limpeza, Maria Quitéria/Soldado Medeiros era a única que “conhecia o gosto e o cheiro de sangue e da pólvora” (Santos 2003: 48). O trânsito de gênero é de conhecimento dos superiores antes mesmo da procura do pai, assim, é a excepcional capacidade guerreira da personagem que permite que siga como soldado (Santos 2003: 37).

O furriel José Luís, no entanto, que segundo alguns documentos históricos teria se casado com Maria Quitéria/Soldado Medeiros ainda durante a guerra (Reis Junior 1953: 48), se apaixona pelo soldado Medeiros, o que o envergonha, como podemos ver no trecho abaixo. A impossibilidade da paixão homoerótica se resolve com a explicação de Maria Quitéria/Soldado Medeiros sobre “quem era” (Santos 2003: 38). Afirmando-se como mulher, e explicando o trânsito de gênero como disfarce necessário pela defesa da pátria, o romance homossexual é agora possível porque é entendido como romance heterossexual:

José Luís arregalou os olhos. Justo aquela tarde ia dizer ao amigo que não queria mais vê-lo: tinha vergonha, muita vergonha, de estar enamorado de um homem.

Mas que homem? À sua frente estava uma mulher, requeimada de sol, os pômulos salientes e os olhos negros. Bom demais para ser verdade. (Santos 2003: 38).

A novela de Santos procura também reescrever literariamente a história da escravidão, não só porque imagina que pessoas negras escravizadas desejavam lutar pela independência do Brasil, como podemos ver em “Desde os escravos até os fazendeiros mais ricos, nenhum brasileiro suportava mais pagar impostos e receber ordens do rei de Portugal” (Santos 2003: 10), mas principalmente, ao contrário de todos os outros textos literários e históricos, porque narra Maria Quitéria/Soldado Medeiros como alguém que luta não só pela independência do Brasil, mas também contra o sistema escravocrata. Assim, o texto de Santos (2003) inaugura uma nova perspectiva narrativa que agora vai transformar a heroína da independência em uma heroína das lutas contra a escravidão.

Para isso, Santos (2003) cria diversas cenas em que a personagem se posiciona contra a escravidão. Na primeira delas, na cidade de Nazaré, Maria Quitéria/Soldado Medeiros compra uma pessoa escravizada, o Lucas, que estava sendo castigado em um pelourinho, para evitar que ele morra (Santos 2003: 27-30). Logo depois, Lucas é alforriado pelos “namorados”, recebendo dinheiro para as primeiras necessidades (Santos 2003: 39). Em outro momento, Maria Quitéria/Soldado Medeiros também se compadece diante da violência empregada contra “os rebeldes de Mata Escura”, um grupo de pessoas negras que diante da confusão da guerra se vingaram de seus senhores, e foram brutalmente torturados e assassinados (Santos 2003: 44-45).

Por fim, a novela se diferencia de outros textos não só por imaginar a vida de Maria Quitéria/Soldado Medeiros para além da guerra, mas também por criar histórias para personagens que eram apenas citados em outros livros, como o furriel José Luís. Além disso, ao contrário dos outros livros, o pai de Maria Quitéria/Soldado Medeiros nunca a perdoou pela sua participação na guerra (Santos 2003: 61), o que faz com que a personagem viva sozinha com a filha em Salvador sem nunca ter recebido sua herança (Santos 2003: 61).

Escrita e encenada em 1997, tendo Suia Legaspe no papel principal, a peça *Maria Quitéria*, da dramaturga Marici Salomão está dividida em quinze cenas, um prólogo e um epílogo. De acordo com o prefácio de Luís Cláudio Machado, a peça é não só uma reflexão sobre a história brasileira, de onde se resgata a esquecida Maria Quitéria, “uma espécie de Diadorim” (Salomão 2010: 15), mas também uma produção de uma história paralela, onde a mulher brasileira ocupa um papel importante que lhe é negado pela história oficial (Salomão 2010: 16). A autora procura então romper com os estereótipos de feminilidade e analisar o papel da mulher na história brasileira (Salomão 2010: 16). A obra, portanto, se afasta de uma perspectiva narrativa militarista, onde se procura explicar as origens da capacidade militar da personagem através da infância, e aproxima-se de uma narrativa de perspectiva feminista, uma vez que a autora se propõe a problematizar os papéis de gênero da sociedade onde estava inserida Maria Quitéria/Soldado Medeiros.

No que se refere ao gênero, a personagem é sempre narrada como uma mulher (cigênera). No entanto, trata-se de uma mulher inadaptada às normatividades de gênero, uma vez que não só vai à guerra, atividade que era exclusiva dos homens (Salomão 2010: 129), como também fuma, o que estava proibido às mulheres (Salomão

2010: 131). Maria Quitéria/Soldado Medeiros diz que ser mulher não é o bastante, e deseja mais do que estava permitido às mulheres (Salomão 2010: 151). No entanto, há mulheres que defendem as normatividades de gênero, como a inglesa Maria Graham, que tenta ensinar a personagem sobre como deve se comportar diante do imperador (Salomão 2010: 133), e a escravizada Alexandrina, que não só afirma que mulher não pode ser soldado, como também critica o jeito de jagunço de Maria Quitéria/Soldado Medeiros. Os homens são violentos defensores das normatividades de gênero. Nesse sentido, não só o emissário que vai à casa paterna em busca de novos soldados sugere que a violência física pode acalmar os ânimos guerreiros de Maria Quitéria/Soldado Medeiros, castigo que ele já tinha aplicado em sua mulher, como o próprio pai surra a “filha” para impor a ordem de gênero (Salomão 2010: 145). A violenta surra aplicada pelo pai é assim uma dupla lição sobre o dever ser da feminilidade e da masculinidade.

Apesar de Teresa, irmã da nossa personagem, sugerir que Deus moldou Maria Quitéria/Soldado Medeiros do mesmo barro de Adão (Salomão 2010: 152), o trânsito de gênero vivido pela personagem, assim como sua masculinidade, é entendido como um disfarce, uma atitude de uma “tresloucada” (Salomão 2010: 130). No entanto, há leituras diferentes sobre o trânsito de gênero, o comandante do batalhão, por exemplo, diz que sempre desconfiou que o soldado era uma mulher, uma vez que ele não conseguia disfarçar a voz e algumas atitudes femininas, mas que resolveu fechar os olhos diante da valentia do soldado (Salomão 2010: 179), enquanto isso o furriel João José Luís entende o soldado exclusivamente como homem, e ao ser revelado o trânsito de gênero diz que achou que estava apaixonado por um homem (Salomão 2010: 180). Assim como na novela de Santos (2003: 38), a paixão homoerótica é rejeitada e rapidamente transformada em desejo heterossexual, uma vez que o trânsito de gênero é reduzido à ideia de disfarce, e logo as personagens se beijam e se casam (Salomão 2010: 181).

A obra de Santos (2003 [1980]), na verdade, parece ser a grande referência biográfica da peça de Salomão (2010 [1997]), não só pela apressada transformação da paixão homoerótica em desejo heterossexual, mas também por criar histórias para personagens que eram apenas citados em outras obras, como o furriel Jose Luís e os escravizados Antônio Congo e Alexandrina, por descrever o dia da morte como o dia em que recebe uma visita (Salomão 2010: 191), e principalmente por reescrever literariamente a história da escravidão. Nesse sentido, tanto o pai de Maria Quitéria/Soldado Medeiros é narrado como um escravocrata que não bate em seus escravos, o que acentua a violência das normatividades de gênero na surra que é dada na personagem (Salomão 2010: 146), como também há a sugestão de que as pessoas negras escravizadas e indígenas estavam interessadas em lutar pela independência do Brasil (Salomão 2010: 149). Além disso, como também acontece em Santos (2003), Maria Quitéria/Soldado Medeiros alforria um de seus escravos, assim como também se horroriza com a violência empregada contra uma rebelião de pessoas escravizadas (Salomão 2010: 184). Se não podemos descartar que a personagem histórica realmente se horrorizava diante da escravidão, é preciso dizer que há documentos históricos

que afirmam que Maria Quitéria/Soldado Medeiros até o final de sua vida desfrutou da vida de pessoas escravizadas (Reis Junior 1953: 66).

É interessante apontar também que a obra de Salomão, entre todas as obras sobre Maria Quitéria/Soldado Medeiros, é a única a dessacralizar a figura do imperador. Assim sendo, D. Pedro I não só é narrado como alguém com pouca habilidade e conhecimento político, manipulado por seus conselheiros (Salomão 2010: 132), mas também como uma figura abusiva, que recorrentemente faz piadas machistas sobre mulheres (Salomão 2010: 133). Por conta disso, o encontro entre Maria Quitéria/Soldado Medeiros e o imperador, exclusivamente narrado em outros textos como exemplo de generosidade e habilidade política, é na peça de Salomão uma experiência de humilhação, uma vez que D. Pedro I ri de sua aparência “meio homem meio mulher” (Salomão 2010: 195), o que leva nosso soldado ao choro.

REELABORAÇÕES FINAIS DO SOLDADO MEDEIROS

Nas obras de Zarur (1986 [1977]), Lima (1977) e Gonçalves (1995), Maria Quitéria/Soldado Medeiros segue sendo narrada a partir de uma perspectiva militarista. Ademais, as obras parecem sugerir que a perspectiva narrativa feminista inaugurada por Carvalho (1958) é antes uma exceção do que uma perspectiva narrativa frutífera, o que destaca o caráter inovador da obra de Carvalho (1958). As três obras também seguem entendendo a personagem exclusivamente como uma mulher (cisgênera), reduzindo a masculinidade e o trânsito de gênero à ideia de disfarce, que é tolerado porque está reduzido à luta em nome da pátria. Por fim, podemos dizer que o regime escravocrata brasileiro quando aparece nessas obras não só não é problematizado, como também é naturalizado, fazendo com que a heroicidade da personagem não sofra fissuras, apesar da posse familiar e pessoal de pessoas escravizadas.

Nas obras de Santos (2003 [1980]) e Salomão (2010 [1997]), a perspectiva narrativa militarista sobre Maria Quitéria/Soldado Medeiros começa a perder força frente a uma perspectiva narrativa feminista. Nesse sentido, a pioneira perspectiva de Carvalho (1958) parece frutífera especialmente entre autoras mulheres, mas também no gênero dramático. As duas obras, no entanto, seguem entendendo a personagem exclusivamente como uma mulher (cisgênera), assim como o trânsito de gênero e a masculinidade são reduzidos à ideia de disfarce, tolerados pela excepcional capacidade guerreira da personagem e pela luta em nome da pátria. Por fim, podemos dizer também que as duas obras não só aprofundam uma perspectiva feminista sobre a personagem, como também inauguram uma nova perspectiva sobre a relação de Maria Quitéria/Soldado Medeiros com a escravização de pessoas negras, uma vez que a personagem é construída como alguém que luta não só contra a opressão colonial, mas também contra o sistema escravocrata. Essa nova perspectiva, no entanto, não encontra fundamentação histórica e parece antes responder aos interesses políticos e narrativos dos autores. Novas pesquisas poderão responder se esta é uma perspectiva que se tornará frutífera na narrativa sobre Maria Quitéria/Soldado Medeiros,

como aconteceu com a perspectiva narrativa feminista, ou se as duas obras são apenas exceções.

De forma geral, podemos dizer que as cinco obras analisadas, repetindo estratégias narrativas do século XIX, seguem narrando a masculinidade de Maria Quitéria/Soldado Medeiros como uma impossibilidade ontológica. Nesse sentido, a masculinidade seria um desdobramento da biologia, e não um dispositivo biopolítico que interpela a todos os corpos, inclusive aqueles entendidos e designados no nascimento como corpos de mulheres. Da mesma forma, o trânsito de gênero nessas obras, ainda que vivido pela personagem histórica, é narrado unicamente como um disfarce, que é tolerado pela defesa da pátria e pela capacidade guerreira do Soldado Medeiros. Os textos, portanto, em seu conjunto, negam aos leitores a possibilidade de entender o trânsito de gênero como uma forma de compreensão de si.

OBRAS CITADAS

CARVALHO, Nancy Navarro. *Maria Quitéria: peça em três atos*. Rio de Janeiro: Jornal do Brasil, 1958.

FAILUTTI, Domenico. *Retrato de Maria Quitéria de Jesus Medeiros*. Disponível em: <https://bit.ly/35NQOqf>. Acesso em 02 mar. 2021.

GONÇALVES, Osvaldo de Sales. *Honra e glória a Maria Quitéria*. Feira de Santana: Radami, 1995.

GRAHAM, Maria. *Diário de uma viagem ao Brasil*. São Paulo: USP, 1990.

LIMA, João Francisco de. *A incrível Maria Quitéria*. São Paulo: Nova Época, 1977.

MAIA, Helder Thiago Cordeiro. “Maria Quitéria/Soldado Medeiros: um soldado entre as condecorações nacionais e o esquecimento”. *Revista Pontos de Interrogação*. No prelo.

REIS JUNIOR, Pereira. *Maria Quitéria*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1953.

SALOMÃO, Marici. *Maria Quitéria. O Teatro de Marici Salomão*. São Paulo: Imprensa Oficial, 2010.

SANTOS, Joel Rufino. *O soldado que não era*. São Paulo: Moderna, 2003.

SOUZA, Bernardino José. *Heroínas Bahianas*. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1936.

ZARUR, Dahas. *Vidas Preciosas*. Rio de Janeiro: Binus, 1986.